

## O Sentido da Eutanásia de Cães com Leishmaniose Visceral para População

### The Sense of Euthanasia of Dogs With Visceral Leishmaniasis for Population

Henriques Lúcia de Fátima<sup>1</sup>, Martinosso Sergio<sup>1</sup>, Silva Rubens Antonio<sup>1</sup>, Wiverson Moura Silva<sup>2</sup>, Osias Rangel<sup>1</sup>, Ricardo Mário de Carvalho Ciaravolo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>*Superintendência de Controle de Endemias, São Paulo, Brasil*

<sup>2</sup>*Secretaria Municipal de Saúde de Adamantina*

**Resumo:** O cão é considerado no Brasil o mais importante reservatório de leishmaniose visceral. Uma das medidas de controle da doença é a eliminação de cães soropositivos. A relação afetiva entre as pessoas e os cães pode interferir de maneira significativa no controle da doença. Foi investigado o sentido social e cultural da eutanásia de cães com leishmaniose visceral canina sob a percepção da população da comunidade do Jardim Brasil do município de Adamantina, estado de São Paulo. As informações foram obtidas por meio da pesquisa de grupo focal e analisadas pela teoria das representações sociais dos sujeitos. Os resultados mostraram que a eutanásia traz consigo muito sofrimento e tristeza aos moradores que conviveram com esta prática. Houve aceitação de eutanásia quando seus cães apresentaram sintomatologia da doença. A reposição de novos cães aconteceu quando os moradores entregaram seus cães assintomáticos para serem eutanasiados. Espera-se que os aspectos sociais e culturais da eutanásia abordados neste estudo possam contribuir de maneira a torná-la uma ação menos discordante e impactante para sociedade.

**Palavras-chave:** Leishmaniose Visceral, Eutanásia de Cães, Representação Social.

**Abstrat:** The dog is considered the most important reservoir in Brazil visceral leishmaniasis. One of the disease control measures is the elimination of seropositive dogs. The emotional relationship between people and dogs may interfere significantly in controlling the disease. It was investigated the social and cultural meaning of dogs with canine visceral leishmaniasis euthanasia in the perception of the population of the community of Jardim Brasil in the city of Adamantina, State of São Paulo. The information was obtained through focus group research and analyzed by the theory of social representations of the subject. The results showed that euthanasia brings much suffering and sorrow to residents who have lived with this practice. There was the acceptance of euthanasia when their dogs showed symptoms of the disease. The replacement of new dogs happened when the residents returned their asymptomatic dogs to be euthanized. It is expected that the social and cultural aspects of euthanasia addressed in this study may contribute in order to make it a less jarring and impactful action to society.

**Keywords:** Visceral leishmaniasis , Euthanasia of Dogs , Social Representation.

## Introdução

A leishmaniose visceral (LV) é uma doença de caráter complexo, devido às inter-relações dos elementos sociais, econômicos, ambientais e culturais da comunidade, dentre eles a moradia, o meio ambiente, o saneamento e a convivência com o cão doméstico (*Canis familiaris*)<sup>1, 2, 3, 4</sup>.

Do ponto de vista epidemiológico o cão é considerado um importante reservatório no ciclo urbano do protozoário causador da doença *Leishmania (Leishmania) infantum* e a principal fonte de infecção ao vetor *Lutzomyia longipalpis*<sup>1, 5, 6</sup>. A enzootia canina, precede a ocorrência da doença humana, sendo estimada uma relação de vinte casos caninos para cada caso humano<sup>7, 8</sup>. No país, 44,3% dos domicílios possuem pelo menos um animal, a estimativa da população canina é de 52,2 milhões de cães vivendo nos lares brasileiros, sendo uma média de 1,8 cão por domicílio<sup>9</sup>. Nesta perspectiva, o intenso deslocamento das pessoas com os seus cães contribui para a dispersão da doença para áreas indenes<sup>3, 10</sup>.

No Brasil, as estratégias de controle<sup>2, 7, 11</sup> baseiam-se no diagnóstico e tratamento precoces dos casos humanos, redução da população do vetor por meio do uso de inseticidas e manejo ambiental, eutanásia do reservatório canino soropositivos e atividades de educação em saúde. Dentre estas estratégias, a eutanásia de cães infectados é a que causa maior controvérsia<sup>12</sup> na sociedade, frequentemente associada a fatores sócio- culturais que envolve a relação ser humano e os cães<sup>3, 13, 14</sup>. No entanto, pouco se sabe sobre o significado desta medida para a população. As atitudes dos proprietários de cães soronegativos<sup>15</sup> foram estudadas, mas a conduta de proprietários de cães soropositivos ainda não foi analisada<sup>16</sup>.

Considerando que a presença de cães soropositivos é um fator de risco para infecção da doença em humanos, conhecer os aspectos sociais e culturais que envolvem a eutanásia de cães, será essencial para compreensão da dinâmica política do controle.

Por estas razões, esta pesquisa objetivou estudar os sentidos da eutanásia presentes na realidade da população de uma comunidade com transmissão da LV. Na intenção de compreendermos a essência deste fenômeno na expressão dos indivíduos que convivem com tal experiência, buscamos as contribuições das representações sociais que oferece um instrumental teórico metodológico de grande utilidade para o estudo da atuação do imaginário social sobre o pensamento e as condutas de pessoas e grupos<sup>17, 18</sup>.

## Metodologia

Neste estudo, trabalhamos com o paradigma qualitativo e utilizamos como substrato teórico as representações sociais. Moscovici<sup>17</sup> concebe a representação social como um conjunto de explicações, pensamentos e ideias que as pessoas têm sobre um acontecimento, objetos, práticas e situações do seu mundo social.

Escolhemos a comunidade do Jardim Brasil da cidade de Adamantina localizada no oeste do estado de São Paulo, com transmissão da LV desde 2003 e uma média de 3.611 cães e prevalência canina da doença de 13,7 %<sup>19</sup>.

Primeiramente, em observância à dimensão ética, o estudo foi executado respeitando a Resolução nº. 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde<sup>20</sup> que trata de normas para pesquisa com seres humanos. Foi coletado assinatura dos participantes por meio do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual, em linguagem clara, os sujeitos da pesquisa foram informados da proposta de estudo.

Para captarmos uma descrição concreta e compreensiva entre moradores que vivenciam a “experiência da eutanásia dos animais com LV” optamos pela realização de grupo focal<sup>21</sup> por ser uma abordagem capaz de apreender de forma original e espontânea as singularidades das concepções presentes em torno do tema.

Para coleta dos dados escolhemos realizar quatro grupos, com homogeneidade em termos de características demográficas e socioeconômicas, preestabelecido por um número de vinte pessoas convidadas em cada grupo, calculamos perda entre cinco a oito e respeitamos a participação voluntária. As pessoas foram convidadas por Agentes Comunitários de Saúde da Estratégia de Saúde da Família e, as reuniões aconteceram em residências de moradores que se dispuseram ceder o local para realização.

Previamente aplicamos um formulário a cada um dos participantes dos grupos. A primeira parte do formulário referia à identificação das pessoas (nome, endereço, idade, sexo, estado civil, ocupação, escolaridade, naturalidade e tempo de residência no município). A segunda parte abordava as questões: número de cães que as pessoas têm atualmente, número de cães tiveram a doença e número de cães que as pessoas permitiram a eutanásia. Como guia para condução dos grupos, elaboramos um roteiro composto por momentos-chave e um material de estímulo. Os momentos-chave foram: abertura (apresentações e informações), estabelecimento de *setting* (destaque os aspectos éticos da pesquisa e contrato de horário), debate, síntese e encerramento. No que se refere ao material de estímulo, englobamos o desenho de um ‘cachorro’, como material desencadeador do debate. O tempo de discussão de cada grupo foi de 1 hora e meia, sendo que para o registro usamos gravadores, relato de observações manifestadas, quanto latentes feitas por pesquisadores que colaboradores nos grupos.

### **Construção de Categorias**

Para ‘desvelarmos’ as vivências expressas nas falas da população, primeiramente, todos depoimentos foram transcritos respeitando as opiniões recorrentes e freqüentemente expressas. Após a transcrição, iniciamos uma leitura atenta dos depoimentos, procurando identificar as unidades de significados, que comportavam as ações dos indivíduos em relação à eutanásia, utilizando a Análise de Conteúdo<sup>22</sup>. Em seguida, procuramos extrair trechos das falas que representavam as ações e percepções dos participantes para, depois, buscarmos as características típicas de cada uma. Neste momento, para fins éticos e didáticos as falas dos moradores foram identificadas por nomes de flores.

A partir das convergências e divergências emergiram unidades de sentidos, embasadas pelo referencial, construímos uma categoria com os sentidos que a população têm em mente, da eutanásia dos animais com LV: representação social da eutanásia refletida por experiências de uma ação que traz consigo a gênese de motivações (tensões, conflitos e contradições) inerentes ao cotidiano familiar e social.

### **Análise dos Dados**

#### ***Características dos Participantes***

Ao todo, 39 pessoas participaram do estudo, sendo 33 mulheres (84,6%) e seis homens (15,4%). Com relação à escolaridade 25 deles (64,1%) possuíam ensino fundamental, oito (20,5%) ensino médio e seis (15,3%) analfabetos. A média de idade observada foi de 64 anos. Quanto ao estado civil, 19 pessoas eram casadas (48,7%), 11 viúvas (28,2%), seis solteiras (15,4%) e três

separadas/divorciadas (7,7%). Quanto a ocupação 19 (48,7%) eram aposentados e 13 (33,3%) referiram ‘do lar’. Do total de participantes, quase a metade 18 pessoas (46,1%) nasceram no Estado de São Paulo, destas 11 (28,2%) em Adamantina mesmo.

Ao serem questionados sobre quem teve cães com LV, 17 moradores (33,6%) mencionaram que já tiveram 32 cães com a doença e 30 (93,7) deles foram eutanasiados. Contudo, 16 (41,1%) moradores responderam que ainda possuíam 49 cães, o que remete a ideia de uma importante reposição canina no município. Em áreas endêmicas é comum a população substituir um cão eliminado, por um ou mais animais. O período de soroconversão dos cães repostos nessas áreas em média é de 6,2 meses<sup>23</sup> exigindo dos serviços de saúde um trabalho sistemático de retiradas de animais soropositivos.

### **Representação da Eutanásia e a Gênese de Motivações Inerentes ao Cotidiano Familiar e Social.**

A Eutanásia é uma prática regulamentada pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária<sup>24</sup> e etimologicamente definida como ‘o ato de proporcionar a morte sem dor ou sofrimento’ entendida ‘boa morte’<sup>25</sup>. Entretanto, mesmo com este conceito, a medida pública da eutanásia traz consigo muito sofrimento e tristeza aos moradores que convivem com esta experiência. Acreditam que os cães passam por estes mesmos sentimentos quando são levados para a eutanásia, em uma relação intrínseca, paradoxal aceitam e entregam seus cães.

*“Mesmo morrendo por dentro eu deixo levar, parte o meu coração ao meio, porque a carinha deles fica triste, eles parecem que advinham e sentem que vão morrer” (Dália).*

*“Quando ele (Agente de Zoonoses) veio buscar meu cachorrinho, eu pedi um tempo para me despedir dele. Ninguém queria deixar levar, mas gente entende que é para ele não sofrer com a doença (...) a gente tem amor demais pelos bichinhos, eles ficam tristes e a gente também, mas fazer o que?” (Rosa).*

Na maioria das vezes, os moradores não conseguem encontrar razões plausíveis para explicarem aos familiares a eutanásia de seus animais, confirmando a existência de laços afetivos harmônicos que as culturas humanas mantêm com os animais. Este envolvimento existe há mais de doze mil anos, integra a própria história da evolução do homem, ou seja, os laços afetivos foram resultados de um processo evolutivo, por meio de uma relação dinâmica e mutuamente benéfica entre pessoas e outros animais<sup>26, 27</sup> e desconsiderar a parceria entre ambos seria uma heresia.

*“(...) tenho dois filhos, eles viram até levar, tive que explicar, é porque ela está doente, ela não vai poder mais voltar para casa, senão nós também vamos ficar doentes, tá bom.? Então, acostumaram com a falta (...) eu disse: querem ver ela sofrer? Não né, então deixa levar, eu sofri mais do que eles” (Violeta).*

*“É muito triste, pelos animais e pela família mesmo. A gente pega tanto amor como filho mesmo. Quando levou a minha, eu chorei 7 dias e as meninas diziam: mãe, estou com saudades da Kelinha, eu não sabia mais como explicar porque a nossa cachorrinha tinha morrido” (Margarida).*

Assim, a convivência das pessoas com seus os cães, revela uma relação comunicativa que é real, verdadeira, de tal ordem que a troca entre eles chega a ser afetiva de amor<sup>27</sup>. Para os

residentes em centros urbanos, os animais de estimação são membros do núcleo familiar, cumprem a função de conforto e companhia para demais familiares<sup>28</sup>. Quando ocorre a morte de um animal de estimação, pode ser intenso o processo do luto e suas manifestações vivenciadas pelo proprietário<sup>29</sup>.

Reconhecendo esta relação, a seguir interpretamos o sentido de que muitos moradores não entregam seus cães ‘positivos’ para serem eutanasiados. Perante comoção e nostalgia, a alegação mais contundente, foi a de que seus cães não tem sintomatologia aparente da doença.

*“Mas os meus estavam bonzinhos (...) fechei meus os olhos, eles foram postos todos dentro do carro (Controle de Zoonoses) e eu sai correndo” (Gérbera).*

*“O meu cachorro não tinha unha comprida e o pelo estava brilhando, eu falei assim para os meninos (Agentes de zoonoses): será que é a doença mesmo? Mas levaram” (Hortência).*

*“Tinha sete cachorros e deu positivo em um. Não tinha unha comprida, nada. Perguntei se tinha certeza. Fiquei com dó, mas entreguei. Os outros depois ficaram doentes. Faz 2 anos. É triste, levaram no carro” (Amarilis).*

*“Eu falei, o meu você (Agente de Zoonoses) não vai levar. Ele falou: simplesmente a gente vai fazer uma ocorrência policial”(Jasmim).*

O cão, após ser contaminado pelo vetor infectado, apresenta um período de incubação bastante variado, que vai de dois a seis anos. Em geral, os primeiros anticorpos são observados 45 dias após a infecção. Enquanto alguns cães parecem susceptíveis à doença evidenciando a sintomatologia, outros se apresentam aligossintomáticos e assintomáticos<sup>4</sup>. O diagnóstico canino é dado por ferramentas sorológicas, os quais são realizados em laboratórios de referência no Sistema Único de Saúde, que permite identificar cães infectados em inquéritos caninos<sup>7</sup>. Segundo a política dos programas<sup>2, 7, 11</sup> o inquérito canino realizados nas cidades com transmissão da LV, é uma estratégia de controle que objetiva detectar, justamente, os animais sororeagentes, mas sem manifestação da doença, como forma de prevenção. Os animais infectados mesmo sem sintomas, hospedam os parasitos da LV no sangue e pele<sup>11, 14, 16</sup>.

Na realidade, este contexto marca a principal condição de recusa da eutanásia dos animais entre a população de área endêmica, ou seja, a estratégia do programa e a característica da doença nos animais. Muitas vezes, os serviços de saúde para garantir a retirada dos animais infectados, buscam apoio da vigilância sanitária e promotoria pública. Podemos dizer, que a percepção de risco de vida dos cães afeta a relação homem – cão, de tal forma que isto pode estar causando à resistência das pessoas em aceitar este tipo de medida como controle da doença.

Precioso é reconhecer que, apesar de todo envolvimento emocional e vontade de preservar a vida dos cães, a equipe de zoonoses cabe a responsabilidade de esclarecer para os proprietários os riscos e conseqüências da manutenção de um animal positivo e que, por mais que seja doloroso ter que eutanasiar um ente tão próximo, o bem individual não pode se sobrepor ao bem da comunidade<sup>30</sup>.

Por outro lado, é de grande valia certificar que a perda dos cães gera emoções e dor<sup>31</sup> desencadeadas quando o elo se desfaz, devido à morte de um animal de estimação, merece respeito, não deve ser tratado como algo trivial<sup>31</sup>. Estudos<sup>32</sup> encontrados na literatura internacional têm evidenciado algumas atitudes como: carta de condolência, criação de um

memorial no estabelecimento veterinário, suporte por meio de ligações e reuniões interativas entre proprietários, veterinários e psicólogos. A maneira com que a equipe de zoonoses lida com esta situação, demonstrando compaixão pela situação do proprietário com o objetivo de auxiliá-lo ainda precisa ser pesquisada no Brasil.

Numa lógica inversa, encontramos por parte de outros moradores, o sentido de aceitação da eutanásia quando seus cães apresentam sintomatologia. Talvez, os fatos comuns: a recorrência da eutanásia em áreas com transmissão e o processo sintomatológico da doença latentes nos cães, estejam contribuindo para esta representação que observamos.

*“Eu tinha um pastor alemão, ele ficou numa situação que dava dó, ele inchou tudo, ficou aquela coisa horrorosa, saía até aquela secreção, a gente vê sofrendo, melhor levar para eutanasiar” (Camélia)*

*“Eu tive um (cão) e ele estava bom e bonito, de repente, no outro dia estava se arrastando, sangrando, com as unhas grandes e ai descadeirou (...) este não tinha mais jeito, aí eu telefonei para o serviço de zoonose vir pegar ele” (Gerânio).*

O sentido de aceitação da eutanásia, neste caso, valida a representação dos moradores, mesmo causando doloroso sofrimento a entrega os cães sororeagentes, eles adquirem novos animais para o convívio.

*“Aquele vez que meu cachorro foi embora (levado pelos agentes de zoonoses) eu quase fui junto, não foi fácil todos que vão, para mim não é fácil imagina para minha família, eu não tenho nem a coragem de ver levar direito, mas ficar sem eles eu não fico” (Érica).*

*“Tem carinho pelos filhos, pelos netos. Eu tenho carinho pelos meus bichinhos também, eles tem sentimento. Bebem água, tomam vacinas de vermes direitinho (...) se ele tiver que ser sacrificado eu pego outro de novo” (Íris).*

*“(...) eu entendo que tem que deixar levar meu cachorro, que se pega no animal (a doença) pega na gente também, é para bem de todos nós eu sei disso (...) mas eles (Agentes de zoonoses) tem que entender também nosso lado, meu cachorro é minha companhia ele me faz bem!” (Lírio).*

Na prática, isto reforça a reposição canina referida no início desta análise e nos faz compreender que da fragilidade que emana a política da eutanásia, vão se construindo relações intersubjetivas, onde os significados deixam de ser individuais para configurar um sentido social<sup>15, 16</sup>.

Analisando o contexto geral, nos chama a atenção: os que aceitam a eutanásia, são moradores que tem seus cães com sintomatologia da doença e a reposição de novos cães acontece quando os moradores entregam os cães assintomáticos para a eutanásia. Para Marzochi<sup>4</sup> cães assintomáticos representam cerca de 40 a 80% de uma população sororeagente para a doença, o que torna a eutanásia ainda mais incompreendida pela população.

Podemos inferir que estes sentidos contribuem para potencializar o avanço da LV nas cidades, uma vez que o cão é infectado, ele é infectante para o vetor pelo resto da vida dele. Lembramos, que a LV canina não tem cura e o tratamento não é recomendado como medida publica no nosso país<sup>4, 7</sup>.

Na linha de explicações, das razões pelas quais os moradores adquirirem novos animais, após a eutanásia e mesmo sabendo dos riscos eminentes da doença na comunidade, os motivos foram explícitos: gostar de animais, amizade, companhia, seguida pela segurança da casa. Companhia, por causa da solidão ou depressão, os moradores acreditam que o convívio com os cães aliviam qualquer sentimento ruim que tem o coração, considerado um amigo amoroso, carinhoso e divertido.

*“Fico sozinha em casa, ai é o cachorro que esta com a gente. Os filhos abandonam a gente. Depois da gente de idade, parece que os filhos não ligam mais pra gente” (Lavanda).*

*“As pessoas da família não podem dar atenção para a gente a toda hora, tem que trabalhar, né? (...) eu estou só, se não é meu cachorro” (Narciso).*

*“O cachorro nunca deixa a gente sozinha.” (Angélica).*

*“Cachorro é anti depressão. Qualquer animal quando você esta nervoso, com raiva de alguma coisa, você se apega nos bichos e aquela coisa ruim que está no coração, sai, alivia o sentimento da gente” (Verônica).*

*“Eu acho que os cachorros cuidam da casa (...) é uma segurança. A cachorrinha minha cuidava lá. Fora que o cachorro também é muito carinhoso, né?” (Acácia).*

*“Cachorro é o melhor amigo, da carinho” (Lótus).*

Nestas representações, os moradores experiênciam em relação ao seu cão, uma fantasia de união na qual não é simplesmente um objeto que se cuida, mas sim uma fonte de atenção, segurança e lealdade<sup>27</sup>. Também, sumariza as principais contingências agregadas ao convívio com animais, proporcionando apoio psicológico, integração social e várias vantagens, muito mais de fundo antropológico que funcional<sup>33</sup>. Os cães são animais que compartilham, compreendem uma série de comandos verbais e atitudes, formando uma linguagem, ou um meio de comunicação própria de homens e cães. É justamente nessa relação, neste conviver tão peculiar entre humano e não-humano que o cão se torna pessoa, e aqui qualifico pessoa como um ente dotado de agência e que encarna um papel social dentro de um conjunto de representações que precisa ser levando em conta, por ser parte intrínseca da vida contemporânea, inclusive com vínculos insubstituíveis<sup>27, 28, 29, 30</sup>.

Também, não ficou de fora da nossa observação, àqueles moradores, independente de terem tido cães eutanasiados ou não, que não desejam aproximação ou convívio com cães. As razões alegadas foram por não gostarem de animais, morarem com parentes e viajarem muito. Outras questões que apareceram foram relacionadas à não existência de espaço adequado na residência para abrigar os animais, sobre a laboriosa tarefa de cuidar dos mesmos e o alto custo para manutenção da saúde deles. Alguns relacionaram a presença de animais com sentido de medo da doença.

*“Não, não gosto de cachorro” Mas não gosto que judiem” (Petunia).*

*“Não, eu não tenho porque eu moro com parentes” (Zinia).*

*“(...) mas aí, a gente não queria, não é que a gente não goste de animal. Gostar, gosta, mas é a condição também, né? Porque o quintal tem terra, né? Não tem um lugar adequado para os cachorros, não é aquele quintal cimentado, tudo certinho, entendeu? Quintal aberto, cheio de folhas, é uma coisa que vai apertar pra dar mais chance na doença” (Magnólia).*

*“Acho que quase ninguém está querendo pegar cachorro pra criar(...) até é bonitinho, né? Mas ninguém está querendo mais (...) a doença faz o animal sofrer e a gente sofre junto” (Jacinto).*

*“Meu marido ama animal, tanto que ele perdeu um com a doença né? Aí ele me pediu para ver se tinha outro cachorrinho né? Eu ganhei, mas eu não quero pegar, porque tenho medo da doença”(Mimosas).*

*“Não eu já falei que é só essa e pronto. Dá trabalho, gastos (...) fora que você não pode sair, em todo lugar que vai, vai ter que levar cachorro?” (Delfínio).*

*“Não, não quero mais. Não vou pegar mais cachorros, só passarinho. Tenho medo de me apegar e se morrer? Falei eu não quero mais não, porque já tinha levado 2 (Agentes de zoonoses), já tinha morrido 2, magrinhos’ (Glicínia).*

*“Eu sei que se ele morre de leishmaniose, fica bem só três a quatro anos, depois fica contaminado”(Adonis).*

Do nosso ponto de vista, existem hoje, suficientes evidências para considerarmos como válida a assertiva para as interações entre as pessoas e os cães. Agora, sublinhando a amplitude destas interações nos centros urbanos em que acontecem a LV, o método humanitário mais apropriado, consiste na realização de amplas campanhas de educação para a guarda responsável, além da promulgação de instrumentos legais e ferramentas alternativas que possam efetivar a proteção e a prevenção da doença nos animais.

## **Considerações**

Não obstante a existência de suporte legal e científica desta estratégia, o fator de eliminar os animais positivos sem sintomas é o que eleva esta estratégia a categoria de mais complexa e polêmica da história da LV. O quadro se torna ainda mais complexo e polêmico pelo fato da mesma estar sendo empregada pontualmente nas cidades, desagregada de valores sociais, ambientais, culturais e educacionais, ou seja, o sem a participação direta e consciente da comunidade e, em particular, daqueles que possuem cães.

O convívio com cães é fenômeno sócio-cultural relevante dentro da nossa sociedade, a reposição canina sempre existirá para aqueles que gostam de animais, com isto a eutanásia dos animais gera um ciclo, quase impraticável pelos serviços. Como a LV avança ano a ano no estado de São Paulo e as intervenções existentes são insuficientes para impedir seu controle. A aplicabilidade da eutanásia deve vir acompanhada de um programa de guarda responsável de animais, o que asseguraria a proteção das pessoas e dos animais, reduzindo a expansão da doença.

De maneira geral, analisar um fenômeno social à luz das teorias da representação social exigiu o delineamento de um conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas e a identificação dos produtos agregados que estabelecem e mantêm uma determinada prática social. Com essa lente, ressaltamos o potencial teórico desta perspectiva, que de diferentes maneiras foi possível problematizarmos aspectos da eutanásia, no sentido de apontar e buscar norteador teórico para compreender e explicar esse fenômeno social. Buscamos reunir argumentos para problematizar o social humano percebido exclusivamente por moradores da comunidade que vivenciam a problemática e defendendo a relação humano-cão como legítimo domínio do social.

Diante disso, não propomos uma outra realidade, mas propomos a nossa operação de distinção e de descrição de um fenômeno que conserva relações e abre espaço para que tudo mude em torno destas reações e desta medida criando uma realidade. Em outras palavras, temos consciência que nós não *vemos* e sim *vivemos*; portanto, toda esta proposta explicativa é na verdade, a nossa forma de viver a experiência e de perceber esta associação, manifestada na fala dos moradores. Esperamos que os aspectos sociais e culturais da eutanásia abordados neste estudo, possam contribuir sobremaneira a torná-la uma ação menos discordante e impactante para sociedade.

### Referências Bibliográficas

1. Werneck, G. L. Expansão geográfica da leishmaniose visceral no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 26 n. 4, p.644-5, 2010
2. World Health Organization. (WHO). Control of the leishmaniasis: report of a meeting of the WHO Expert Committee on the Control of Leishmaniasis, Geneva, 22-26 March 2010. (WHO technical report series ; no. 949).
3. Oscar, D. S.; Feliciangeli, M. D.; Quintana, M. G.; Afonso, M. M. S.; Rangel, E. F. *Lutzomyia longipalpis* urbanisation and control. Mem Inst Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Vol. 110(7): 831-846, November 2015.
4. Marzochi, Mauro C. A.; Keila B; Marzochi F.; Conceição-Silva, A. F. F. A questão do Controle das Leishmanioses no Brasil. In: Leishmanioses do Continente Americano. Org. Fátima Conceição –Silva. Carlos Roberto Alvez. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.
5. Shaw, J. J.; Laison, R. Ecology and epidemiology: new world. In: Peters, W.; Killick-Kendrick, R. eds. The Leishmaniasis in Biology and Medicine. New York: Academic Press, v. 1, n.1, p. 291-363, 1987.
6. Desjeux P. Leishmaniasis: current situation and new perspectives. Comparative Immunology, Microbiol. Infect. Dis. 2004; 27: 305318.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose visceral. Série A. Normas e manuais técnicos, Brasília, 2014.
8. Monteiro, S. P.; Lacerda, M.M.; Arias, J.R. Controle da leishmaniose visceral no Brasil. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 27: 67-72, 1994.
9. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde.2013. Disponível <ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>.
10. Lindoso, J.A.L.; Goto, H. Leishmaniose visceral: situação atual e perspectivas futuras. São Paulo: Boletim Epidemiológico Paulista-BePa, a.3 n.26, fev.2006, mensal. Disponível em: [http://www.cve.saude.sp.gov.br/agenciamento/bepa26\\_Iva.html](http://www.cve.saude.sp.gov.br/agenciamento/bepa26_Iva.html). Acesso em: 14 nov. 2015.

11. São Paulo. Secretaria Estadual de Saúde, Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose visceral americana do Estado no São Paulo. São Paulo-SP, 2006.
12. Costa, C.H.N.; Vieira, J.B.F. Mudanças no controle da leishmaniose visceral no Brasil. Rev Soc Bras Med Trop. 2001;34(2):223-8.
13. Gontijo, C.M.F.; Melo, M.N. Leishmaniose Visceral no Brasil: Quadro atual, desafios e perspectivas. Rev. Bras. de Epidemiologia, vol. 7, n. 3, p.338-349, 2004.
14. Ashford, D.A.; David, J.R.; Freire, M.; *et al.* Studies on control of visceral leishmaniasis: Impact of dog control on canine and human visceral leishmaniasis in ISSN: 2238-1945 Belo Horizonte, MG, v.03, n.06, dez. de 2013.
15. Freitas, A. C. P.; Soares, D. F. M.; Barbosa, L. S.; *et al.* Avaliação do trabalho educativo diário dos Agentes de Combate a Endemias sobre leishmaniose visceral e posse responsável de animais em Belo Horizonte, Minas Gerais, 2009-2010.
16. Coura-Vital, W.; Marques, Marcos José; Veloso, V. M. *et al.* Prevalence and factors associated with *Leishmania infantum* infection of dogs from an urban area of Brazil as identified by molecular methods. PLoS neglected tropical diseases, v. 5, n. 8, p. e 1291, 2011.
17. Moscovici, S. The phenomenon of social representations. In FARR, M.; MOSCOVICI, S. (eds.). Social representations. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
18. Jodelet, D. Représentation sociale: phénomène, concept et théorie. In S.MOSCOVICI (dir.). Psychologie sociale. Paris: Presses Universitaires de France, 1990 (2ª ed.).
19. São Paulo. Secretaria Municipal de Saúde de Adamantina. Departamento Municipal de Controle de Vetores. Dados de Inquérito Canino. 2012.
20. Comissão Nacional De Ética Em Pesquisa – CONEP (1998). Resolução N. 196. Publicação CONEP
21. Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
22. Bardin, L. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2006.
23. Nunes, C.M.; Lima, V.F.; Paula, H.B.; Perri, S.H.; Andrade, A.M.; Dias, F.E.; Buratini, M.N. Dog culling and replacement in an area endemic for visceral leishmaniasis in Brazil. Vet Parasitol. May 6; 153(1-2): 19-23, 2008.
24. Brasil. Conselho Federal de Medicina Veterinária. Dispõe sobre procedimentos e métodos de eutanásia em animais. Resolução n. 714, de 20 de junho de 2002.
25. AVMA. American Veterinary Medical Association's. Guidelines on Euthanasia. Formerly Report of the AVMA Panel on Euthanasia. 2007. Disponível Formerly Report of the AVMA Panel on Euthanasia acessado em 08 de dezembro de 2015.
26. Darwin, C. Autobiografia 1809-1882. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
27. Maturana H. R.; Varela, F. J. A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2005.
28. Cohen, S. P. Can pets function as Family members?. Western Journal of Nursing Research, v. 24, n.6. 2002.
29. Clements, P.; Benasutti, K.; Carmone, A. Support for bereaved owners of pets. Perspectives in Psychiatric Care, 39(2), 49-54. 2003.
30. Marzochi, M.C.A., Fagundes, A., Andrade, M.V., Souza, M.B., Madeira, M.F., Mouta-Confort, E, Schubach, A.O. & Marzochi, K.B.F. 2009. Visceral leishmaniasis in Rio de

Janeiro, Brazil: eco-epidemiological aspects and control. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 42: 570–580.

31. Feldmann, B. M. Thoughts on the condolence letter. *Journal American Veterinary Medical Association*, v. 218, n. 3, p. 339-340, 2000.

32. Kaufman, K. R.; Kaufmann, N. D. And then the dog died. *Death Stud.* v. 30, n. 1, p. 61-76, 2006.

33. Dunn, K. L.; Mehler, S. J.; Greenberg, H. S. Social work with a pet loss support group in a university veterinary hospital. *Soc. Work Healthy Care*, v. 41, n. 2, p. 59-70, 2005.